

ECO-2012 O GLOBO

JUN 1992
07
P7
JOSÉ SARNEY

A final o que é a Rio-92? Um festa, um encontro sério para uma reflexão sobre o mundo ou um evento midiático com ingredientes respeitáveis? É tudo isso, num liquidificador.

Em 1972, em Estocolmo, a ONU tomou conhecimento pela primeira vez de que era necessário uma conjugação de esforços internacionais para assegurar a continuidade da vida na Terra. Aquela reunião discutiu sobretudo a sociedade industrial, a qualidade de vida, o fim dos recursos não renováveis.

Passaram-se 20 anos. Durante esse tempo muitas coisas aconteceram. Os movimentos ecológicos se passionalizaram. A ciência descobriu algumas pistas que nos dava a indicação de que o Planeta já está doente e pode morrer. Alguns deles trágicos. O aquecimento da atmosfera, o Efeito Estufa, que já está ocorrendo e pode aumentar o nível do mar, inundar grandes áreas habitadas do mundo. Nas costas, ou a cem milhas delas, vivem 70% da humanidade. Prevê-se um aumento entre 2,6 e 5,8 graus o aumento da temperatura no próximo século. É a catástrofe. A ruptura da camada de ozônio. A liquidação de espécies, árvores e animais.

Em 1988, presidente do Brasil, vi o meu país sofrer uma campanha injusta, acusado de vilão da ecologia. No fundo, os países ricos queriam encontrar bodes expiatórios para encobrir suas responsabilidades. Ofereci o Brasil para sediar a ECO-92 e mostrar que temos uma cumplicidade com a natureza e nada a esconder. Lutamos. Com o apoio da América Latina e do Terceiro Mundo. Vencemos, derrotando a Noruega e o Canadá. Diminuímos as queimadas. Fizemos a melhor legislação mundial sobre meio ambiente e organizamos com perfeição o evento. Em contrapartida, os países ricos estão esvaziando os resultados, criminosamente.

Bush declarou algumas vezes e, ontem, no "New York Times", repetiu: "Vou ao Rio lutar pela limpeza dos mares, defender os elefantes (talvez porque seja o elefante o símbolo do Partido Republicano) e não assinarei nada que retire um emprego nos Estados Unidos." Ora, evitar indústrias poluentes, limitar CO₂, CFC e outros gases é vital para a humanidade. Para nós impõem poli-

ticas de desemprego em massa, milhões de famílias de brasileiros estão na fome e na pobreza pela perda de trabalho determinada por organismos internacionais que impõem uma nova ideologia, a do liberalismo à outrance, numa época em que os dogmas não sobreviveram. Veja-se o marxismo-leninismo.

A Convenção sobre Clima e a da Biodiversidade, as fundamentais, não trazem nenhum compromisso efetivo. Só retórica. E nós cedemos. A tax pollution também foi recusada. Resta a discussão sobre a Agenda do Século 21. Palavras. Os ricos recusam qualquer compromisso.

No ar, sem resposta, estão dois problemas que transcendem os interesses nacionais e a soberania: o nuclear e o meio ambiente. O primeiro ameaça a existência do Planeta, o segundo a vida na face do Planeta. Existem 60 mil ogivas nucleares. Dessas, 25 mil no território da ex-URSS. Estas nações desintegradas não têm recursos para desmantelá-las, nem cadeia de comando para decisões. Há risco. Por outro lado, os Estados Unidos negam-se a diminuir suas provas nucleares e declaram que vão exercer sua força baseada nessas armas. Enquanto existirem armas nucleares na face da Terra a vida está ameaçada. Quanto ao meio ambiente, não basta salvar as formigas e os elefantes, o mico-leão e a baleia-azul, se não salvarmos a atmosfera, se estamos modificando o clima, rompendo as camadas de proteção da Terra. Se continuamos jogando milhões de toneladas de gás carbônico, poluindo o ar, os mares, provocando chuvas ácidas, num processo de lento suicídio.

Outras questões, também, não tiveram na Rio-92 a visibilidade que deviam ter. População. Somos cinco bilhões, daqui a 50 anos seremos dez bilhões. Como enfrentar os problemas da sobrevivência? A pobreza? Nada é mais poluente que a pobreza. Esta degrada o homem. Direitos humanos. A violação destes degrada a dignidade da vida.

Estas questões se relacionam e se integram. Discutir meio ambiente é discutir a vida e a morte, a dignidade da vida e as condições de existir. Vamos esperar ainda a ECO-2012, talvez lá os delegados já compareçam de máscaras contra gases e não mascarados de ecoloucos.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras.